

DA TELEVISÃO ABERTA AO STREAMING: O TELEJORNALISMO NO GLOBOPLAY

José Jullian Gomes de Souza¹

RESUMO

Este estudo investiga a expansão do telejornalismo, a partir dos documentários expandidos produzidos para o streaming brasileiro globoplay. O objetivo é compreender como ocorre a construção dessa produção audiovisual jornalística, relacionando o universo ficcional das séries e a busca por uma nova forma de produzir jornalismo nas/para as plataformas de streaming. O quadro metodológico é composto pela pesquisa qualitativa, exploratória-descritiva visando compreender o que são esses documentários expandidos, suas características e formatos. Concluímos que o documentário expandido é uma produção jornalística audiovisual que parte do clássico modelo do jornalismo para televisão broadcast (o telejornalismo) com as características advindas do universo ficcional. Tal estratégia é utilizada visando um novo modelo de produção jornalística especificamente para o streaming, bem como atrair um novo público ávido pelo ritmo das séries ficcionais.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo. Jornalismo audiovisual. Documentário expandido. Globoplay.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir do interesse em investigar, academicamente, a visualização do crescimento da produção telejornalística no serviço de streaming brasileiro globoplay. Compreendemos que a etapa de produção é a primeira dentro de uma estruturação que perpassa a existência de três dimensões, a saber: a) a etapa da produção, onde buscamos compreender as emergências desse formato jornalístico audiovisual especificamente para o streaming; b) a etapa da distribuição, em que investigaremos o diálogo estabelecido com a ampliação das plataformas de distribuição do conteúdo audiovisual e; c) a etapa de consumo, visando identificar as transformações dos hábitos de consumo audiovisual do público e os seus impactos para o surgimento de novos formatos narrativos.

Nesse primeiro momento, foco do estudo está no processo de produção do telejornalismo no globoplay, apresentado a partir dos documentários expandidos na

¹ Jornalista pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) na Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor substituto do Departamento de Comunicação (Decom) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e-mail: jullianjose64@gmail.com

plataforma de streaming brasileira. Assim, o que buscamos com esta pesquisa é compreender a expansão do telejornalismo do Grupo Globo da televisão tradicional, ou seja, das emissoras, para uma determinada inovação e expansão da produção para o streaming. Isso implica identificar que não há, necessariamente, uma ruptura, mas, um processo de continuidade e que compreende também as especificidades da plataforma digital com as características já conhecidas da televisão broadcast.

Como explicita Souza Filho (2024, p. 247), “A televisão, mantida ainda a reconhecida importância que tem entre os meios de comunicação, tem buscado a adequação às transformações influenciadas pela tecnologia”. E a sua aproximação com as plataformas e serviços de streaming representa um desses movimentos. Na periodização da expansão da televisão proposta por Souza (2024, p. 120), a televisão no streaming surge a partir de 2015, com a “Disponibilização do conteúdo televisivo sob demanda em plataformas de streaming, iniciado com o Grupo Globo com o Globoplay”. Desse modo, mais do que um processo de convergência, há uma exploração pelas novas formas de pensar e propor a televisão, mediante a combinação entre as potencialidades da televisão e da internet.

Com isso, apontamos que a importância desta pesquisa está na compreensão, reflexão e análise das formas que o telejornalismo assume mediante as novas potencialidades de produção, distribuição e acesso ao conteúdo informacional. Pois, na atual sociedade há uma multiplicidade de telas e plataformas de acesso ao telejornalismo proporcionando com que empresas, profissionais e usuários busquem se (re)adaptar ao novo ecossistema midiático televisivo.

Nesse sentido, a pesquisa está estruturada da seguinte forma: para além desta introdução, apresentamos o quadro metodológico, uma discussão sobre as nomenclaturas que perpassam o fazer do telejornalismo e do jornalismo audiovisual, uma compreensão do que são os documentários expandidos e a sua aproximação com o telejornalismo, uma análise de processo de produção dos documentários expandidos no globoplay e as considerações finais.

2 QUADRO METODOLÓGICO

Para a realização da pesquisa, partimos de uma abordagem quali-quantitativa, a partir da objetividade e subjetividade do estudo. A aplicação dessa abordagem foi necessária

para compreendermos a quantidade de documentários expandidos no globoplay. A escolha do serviço de streaming globoplay ocorreu mediante a observação e compreensão que é o maior serviço nacional e, por estar ligado a uma emissora de televisão (TV Globo), apresenta uma maior produção de conteúdo.

Para isso, utilizamos como recorte temporal os anos de 2019 a 2024, correspondente desde o primeiro ano de visualização da produção até último ano com produções ao longo dos doze meses. Com a utilização do Microsoft Excel realizamos a catalogação dos dados, a partir do “Ano”, “Título”, “Número de Temporadas”, “Número de episódios” e “Gênero”. Assim, catalogamos um total de setenta e oito (78) documentários expandidos, organizados em nove (9) categorias de gênero. Com isso, foi possível analisar, a partir da lógica da produção, a quantidade de produções (por ano, gênero e relacionar) e relacionar a produção desses documentários expandidos com as práticas do telejornalismo broadcast e do universo ficcional, mediante a exploração do universo das séries em serviços de streaming.

3 TELEJORNALISMO, JORNALISMO AUDIOVISUAL OU JORNALISMO PARA TELAS?

Nos últimos anos as disciplinas voltadas para as práticas jornalísticas em áudio e vídeo têm sido renomeadas de “telejornalismo” para “jornalismo audiovisual”, em diversos cursos universitários brasileiros. Inicialmente, a justificativa é a ampliação dos espaços e das telas de produção, difusão e consumo do conteúdo audiovisual jornalístico para além da tela do televisor. Contudo, Emerim (2017) apresenta uma discussão pertinente e que consideramos necessária para compreender o movimento contemporâneo que estamos identificando na produção jornalística audiovisual diretamente para o streaming, denominada de documentários expandidos.

Telejornalismo, jornalismo audiovisual ou jornalismo para telas? Em um primeiro momento pode soar que estamos discutindo diferentes práticas para se referir a uma mesma concepção: o jornalismo que tem como base a utilização dos elementos de áudio e vídeo, incrementado com o escrito: o texto. Entretanto, em um segundo momento o que identificamos não é, necessariamente, um grande movimento de reestruturação ou ruptura do que estamos acostumados a observar com as práticas do telejornalismo ‘tradicional’, desenvolvimento pelas emissoras de televisão desde meados da década de 1950.

Como destacado pela própria Emerim (2017, p. 114):

Vive-se a era das imagens há pelo menos 50 anos, se não mais. A cada nova ferramenta técnica que permita ao ser humano ampliar o domínio sobre as imagens do mundo ou de si mesmo, percebe-se um movimento de apagamento ou esquecimento das práticas antigas, dotando poder apenas ao que ainda não se dominou.

Podemos entender a fala da autora como uma crítica às compreensões acerca do uso da nomenclatura “telejornalismo”, especialmente para se referir às novas práticas do jornalismo audiovisual no universo das novas e múltiplas telas e plataformas. Essa visão é evidente, no sentido em que Emerim (2017, p. 116) explica que:

É preciso ressaltar que na época em que surge a televisão, era comum definir as imagens partindo de seu suporte, ou seja, das características materiais que permitiam a produção de imagens visto que elas traziam elementos mais identificáveis como o fotográfico, o videográfico, o filmico, etc. Neste contexto, o termo Telejornalismo passou a identificar imagens capturadas pela câmera de vídeo analógico reproduzido ou exibido via televisão, remetendo, assim, ao jornalismo produzido para e pela televisão. Mas, nos últimos anos, com os processos de hibridação constantes nas produções televisuais aliados ao constante surgimento de novas plataformas e suportes, o campo de atuação do jornalismo tem se ampliado para as diferentes telas e está exigindo um repensar em torno destas definições sobre o jornalismo televisivo e suas inúmeras possibilidades narrativas.

De acordo com Emerim (2014), o telejornalismo ou jornalismo de televisão abarca programas com diferentes formatos que são voltados, especificamente, para informarem o público, sobre a repercussão dos fatos e possuindo um referencial direto com o real. Nesse sentido, Emerim, Finger e Cavenaghi (2015, p. 4), em que as autoras compreendem o telejornalismo como: “[...] um jornalismo para as telas, incluindo televisão, computador, smartphone, celular, tablets ou os demais dispositivos e suportes que se utilizem de uma tela de visão ou de uma tela refletiva para exibir dados”.

Entretanto, segundo a Emerim (2017, p. 177):

[...] pode-se afirmar que o termo *Telejornalismo* pode definir o jornalismo que é produzido e distribuído para e por telas, incluindo televisão, computador, smartphone, celular, tablets ou os demais dispositivos e suportes (móveis ou não) que utilizem uma tela de visão ou uma tela refletiva para exibir, distribuir e compartilhar dados. Neste ponto, é preciso explicitar que a terminologia usual das práticas do jornalismo que envolve áudio e vídeo é o telejornalismo; pois a simplificação do uso do termo audiovisual para agregar ou referir a este tipo de produção telejornalística não responde ao tipo específico de material realizado por este campo.

A compreensão e definição proposta pela autora aponta que a prática do telejornalismo não está, necessariamente, ligada apenas ao seu suporte inicial: o televisor e

ou transmissões realizadas pelas emissoras de televisão. Trata-se, assim, de um conjunto de práticas que foi estabelecido historicamente ao longo dessas mais de sete décadas de telejornalismo brasileiro que a partir das mudanças socioculturais, estéticas e tecnológicas renovou-se, adaptou-se e hibridizou-se com as novas potencialidades.

Entretanto, Coutinho e Emerim (2019) compreendem a importância do campo do jornalismo audiovisual, a partir das diversas abordagens de outras produções de conteúdos jornalístico para a televisão ou para as demais telas. Nesse caso, há uma expansão do modelo jornalístico audiovisual para além do telejornal. Assim, “[...] há inúmeros outros formatos e gêneros de diversos programas ou conteúdos jornalísticos produzidos dentro das premissas da linguagem telejornalística” (Coutinho; Emerim, 2019, p. 29).

No contexto que compreende as produções do telejornalismo para as múltiplas telas está a dimensão e constituição de uma linguagem telejornalística. Ao se referir sobre a questão, Emerim (2017) enfatiza as especificidades dessa linguagem e gramática que estabelece as suas regras próprias a partir das ações e dos usos das telas, sistema de códigos televisuais e audiovisuais e a aplicação produtiva. Com isso, “O jornalismo televisivo tem sido desafiado a rever suas rotinas produtivas e adaptar seus conteúdos a múltiplas telas e múltiplos públicos. Televisão e tecnologias caminham juntas quando se trata de formato e conteúdo” (Silva, 2018, p. 19).

A partir da discussão explicitada nesta seção é que compreendemos a presença do telejornalismo no globoplay, mediante ao desenvolvimento dos documentários expandidos como parte de uma proposta de expansão da linguagem e gramática televisiva e jornalística para outras telas, suportes e plataformas. Além disso, em um cenário contemporâneo marcado pela presença massiva do universo das séries de ficções, entendemos que há uma apropriação, uma remixagem e hibridização entre essas linguagens com o objetivo de inovar no produto audiovisual, dentro de suas especificidades e propostas, bem como se alcançar um novo público presente no streaming (ao qual acreditamos ser o público mais jovem).

4 DOCUMENTÁRIO EXPANDIDO: CARACTERÍSTICAS E POSSIBILIDADES PARA O TEJORNALISMO

As mutações na produção telejornalística perpassam desde a observação das diferentes fases da televisão e do telejornalismo, como apresentado por Silva (2018), que

perpassa desde o telejornalismo falado (herdado do rádio) até o telejornalismo imersivo (a partir das novas mídias digitais). Ao integrar este cenário de transformações, o documentário expandido pode ser apontado como uma forma de sobrevivência do telejornalismo no streaming, bem como uma nova forma de dialogar com as atuais características e possibilidades de produção, distribuição e consumo.

Mas, o que é o documentário expandido? Conforme Teixeira (2007, p. 41):

Trata-se de uma série de operações postas em curso no domínio do documentário que visam à ampliação de suas fronteiras e que desmontam o senso comum, as idéias herdadas que dele se tinham até recentemente. Essa expansão de limites se dá, basicamente, em relação aos três grandes domínios da ficção, do experimental e do próprio documentário em suas feições clássica e moderna. Ou seja, ao mesmo tempo em que transforma sua própria tradição, a expansão do documentário desenha novas relações com os domínios ficcional e experimental.

Trata-se, assim, de pensar o documentário (em seu sentido mais clássico) no contexto das mutações e expansão dialogando entre o ficcional e o experimental, a tradição e a inovação. É a partir desta noção que compreendemos a possibilidade das características do documentário serem expandidas para o domínio do telejornalismo produzido no streaming. É assim, que Isern (2023, p. 40) sinaliza que “Dentro dessa série de modernizações e novidades surge o streaming encabeçando essa nova forma de consumo [e produção] de conteúdos nos formato on-demand”, visando uma atualização e diálogo com o cenário contemporâneo de produção audiovisual.

Entretanto, compreendemos que o conceito de documentário expandido ainda necessita de mais discussões, tendo em vista a incipiente literatura científica sobre a temática e a falta de mais autores(as) - diversificando e colaborando com a construção conceitual. Esse cenário é evidente quando nos debruçamos na busca bibliográfica, bem como a partir da leitura da pesquisa de Silva (2015). A autora parte apenas da contribuição teórica de Teixeira (2007) e não discute, conceitualmente, o que compreende por documentário expandido. Ou seja, há, simplesmente, uma replicação do conceito anteriormente utilizado – o que ocorre pela falta de outros estudos.

Ao discutir sobre o documentário expandido, Moratelli (2021, p. 715) apresenta algumas premissas para a reflexão do conceito, tais como:

A serialização dos documentários é um fenômeno que ganha força no mercado audiovisual mundial. Tendo em vista que as narrativas ficcionais atendem a um conjunto de regras que permitem contar uma só história de forma sequencial – em

episódios ou em capítulos, as mesmas ‘emprestam’ artifícios para o que chamaremos aqui de ‘documentários seriados’ ou ainda ‘seriados expandidos’. Em outras palavras, aqueles que não são trazidos a público em apenas um episódio, mas em sequências interligadas como uma série televisiva.

De acordo com o autor, identificamos que ainda há algumas dificuldades na delimitação quanto ao formato desse produto audiovisual jornalístico e a sua classificação: “documentários seriados” e/ou “seriados expandidos”. Isso porque, compreende que essas produções são “[...] são contaminadas pela utilização de recursos familiarizados na ficção audiovisual, o que reforça sua fácil assimilação junto a uma audiência consolidada nacionalmente em formatos de telenovelas e, mais posteriormente, séries” (Moratelli, 2021, p. 712). Entendemos, assim, que há uma lógica de “empréstimo” das características e possibilidades proporcionadas pela ficção seriada para as produções audiovisuais jornalísticas que observamos emergir no universo no streaming, a exemplo do globoplay.

No entanto, Moratelli (2021, p. 715) compreende que a classificação “documentário expandido” é mais propícia, tendo em vista que “[...] não são produções que devem ser classificadas como ‘séries’, o que se confundiria com a tendência aos ‘processos de serialização’ classificados por Eco (1989)”. Uma vez que “As séries são produtos mercadológicos criados para durarem mais tempo que uma novela, sendo divididas em episódios e temporadas com prévios intervalos de exibição” (Moratelli, 2021, p. 714), o que nos possibilita identificar que não é oportuno classificar esses produtos com séries, ainda que exista uma serialização episódica. Ao contrário, o que percebemos é um processo de hibridização entre a linguagem documentária, telejornalística e os recursos ficcionais para criar, produzir e compartilhar um produto em decorrência das mudanças do mercado audiovisual e informacional contemporâneo.

Conforme Temer (2015, p. 30), novos modelos e formas de transmissão da informação necessitam da utilização de outros gêneros e formatos, uma vez que “[...] o jornalismo também é desafiado pelas novas tecnologias, pois elas afetam sua dinâmica de produção e modificam as possibilidades de difusão [...]”. Ademais, precisamos considerar que as tecnologias influenciam e moldam o comportamentos dos sujeitos em determinados e diferentes recortes temporais. E isso diz respeito, por exemplo, às novas formas de produção jornalística audiovisual em tempos de múltiplas telas e do consumo diversificado pelo público nas mais variadas plataformas de vídeos.

Na discussão sobre os documentários expandidos também é necessário fazermos algumas distinções. No caso das ficções seriadas, por exemplo, não há uma busca pela utilização de relatos reais na história. Já no documentário expandido esse recurso é amplamente utilizado e desejado, visto que objetiva uma retratação dos fatos reais. Assim,

[...] no documentário expandido não se presume encenação dos fatos, seja com utilização de recursos dramáticos (como atores, roteiros de diálogos e cenários fictícios); visto que seu foco deve ser a veracidade, a aproximação com a realidade, utilizando para isso fontes os documentos originais, pessoas envolvidas no tema e relatos com o mínimo de atravessamentos da equipe de criação. O documentário expandido se caracteriza por outros elementos que se associam à narrativa ficcional, sem passar pela encenação interpretativa de personagens na atuação de atores profissionais – no máximo imagens borradas ou efeitos de computação gráfica. Esses elementos estão na ordem do roteiro e, principalmente, na da edição (Moratelli, 2021, p. 716).

Após uma breve discussão sobre o que configura o documentário expandido, apresentamos as características desse produto. Pois, dessa forma, temos uma visão macro das propriedades a serem identificadas e analisadas. É desse modo que Moratelli (2021) identifica dez características desse produto audiovisual, tais como:

Quadro 1 - Características do documentário expandido

Característica	Descrição
Personagem central carismático ou vítima de um crime hediondo (ou de uma justa falha)	A história gira em torno de um caso emblemático para a sociedade, com grande repercussão à época. Assim, no centro da história verídica está um personagem que agrada ao espectador, que tenha empatia ou que desperte identificação imediata. A utilização de crimes envolvendo crianças, por exemplo, é um recurso típico dessas produções contemporâneas. A escolha do protagonista é primordial para a essência dessa narrativa. Em alguns desses exemplos, os protagonistas também podem ser entendidos como os pais das crianças desaparecidas (ou as pessoas acusadas injustamente pelo crime), já que eles atravessam a narrativa sendo culpados ou sofrendo pelo desfecho – caracterizando a jornada do herói.
Uma só temporada com vários episódios	Estas produções desdobram a narrativa do caso em vários episódios, afim de garantir audiência estendida. Não costuma haver mais de uma temporada, mas o sucesso desse tipo de documentário promove vários outros na mesma linha narrativa.
O título da obra costuma ter seu nome	Como parte da identificação imediata com o caso a ser narrado, muitas produções têm como título o nome do seu protagonista, às vezes acrescido de uma ou outra palavra que facilite sua compreensão
Uso do plot twist	Uma ferramenta da ficção, porém empregada na narrativa documental como “gancho” entre episódios. Geralmente este momento muda completamente o rumo dos acontecimentos. Como consequência, reforça-se a experiência de “maratonar” a temporada, afim de imediatamente saber o desenrolar do que está sendo contado. Ao invés de se optar por um documentário padronizado em longa-metragem, por exemplo, estas produções recorrem a

	desdobramentos em vários episódios, promovendo a prática comportamental de binge watching entre os espectadores.
O cuidado com a cenografia real	Pensar a cenografia na qual os depoimentos se inserem, além do local em que estão gravados os relatos de narrador (como em O Caso Evandro, Figura 2), sugere tentativa de incluir uma ambientação que tenha linearidade contextual com o que se conta, reafirmando o cuidado estético de ambientação, tão característico das narrativas ficcionais. Não se diz, nem se quer reforçar que aquele cenário não seja o real.
Recursos sensoriais, como a trilha sonora de suspense	Para ambientar ação dramática, recorre-se a uma trilha que promova imersões do espectador ao que se propõe contar. Tão comum em telenovelas, este recurso reforça o tom da ação do momento.
A repetição narrativa	Também muito utilizado em telenovelas, o recurso de repetição de informações tende a ser utilizado nestes documentários para reforçar determinados dados que serão derrubados a seguir ou que podem ajudar a elucidar a história narrada.
Personagens secundários	Nestas produções, os relatos gravados são sempre de pessoas envolvidas intimamente com o protagonista. Mas também há a incursão de pessoas que tenham passado por dramas parecidos, que lembrem do caso policial ou que também tenham sido vítimas. Isso reforça a importância da história que gira em torno do protagonista.
Confronto entre protagonistas e antagonistas	Assim como na narrativa ficcional, a utilização do recurso de antagonistas é necessária para realçar a trajetória do protagonista. No caso de histórias sobre desaparecimento de crianças, é preciso apontar falsos culpados ao longo da investigação; já no caso de histórias sobre criminosos, trazer advogados, juízes ou delatores que “atrapalhem” a jornada trilhada por eles. A aproximação do desfecho é realçada pelo confronto dos antagonistas, essenciais em narrativas ficcionais.
O arco dramático	Este é um dos elementos centrais, porque a forma como a história é contada no documentário se pressupõe início, meio e fim. Porém, o embaralhamento de situações pode variar. Costuma-se começar com a apresentação do personagem central, depois a forma como se dá seu sumiço (ou assassinato ou auge do sucesso) e, por fim, o desfecho trágico (ou a ausência de solução para o caso). Como são casos de notoriedade pública, essa ordem sofre variações no arco narrativo. Há produções que já começam com o relato do sumiço (ou assassinato) e, em seguida, apresenta-se o protagonista para, só então, começarem os desdobramentos. De qualquer modo, o arco dramático precisa ser crescente, no sentido de apresentar novidades e ir envolvendo o espectador na trajetória narrativa. A conclusão atinge o clímax.

Fonte: elaborado pelo autor baseado em Moratelli (2021).

Mediante as dez características descritas pelo autor, bem como de um primeiro movimento de observação para as produções documentárias no globoplay, já podemos identificar e inferir o entendimento de determinadas características na produção desses documentários expandidos que se alinham com um novo campo de atuação para o telejornalismo e os telejornalistas em serviços de streaming, como uma forma de explorar novos espaços e formatos de produção telejornalística para além da tradicional produção para a televisão (broadcast).

Acerca deste cenário, Spinelli (2012) discorre que o documentário na televisão aberta foi um formato pouco explorado. Pois, os programas televisivos e telejornalísticos mantêm uma narrativa baseada na clareza e objetividade e, para isso, a figura do jornalista na tela é fundamental para proporcionar uma maior compreensão da informação para o público. Já no documentário a figura do repórter pode até existir, “[...] porém o modo como ela aparece no vídeo não precisa apresentar os princípios de imparcialidade e objetividade jornalísticas” (Spinelli, 2012, p. 3).

Ao hibridizar esses dois estilos, Spinelli (2012) destaca o caso do Globo Repórter (1973-presente). Conforme a autora, o programa foi:

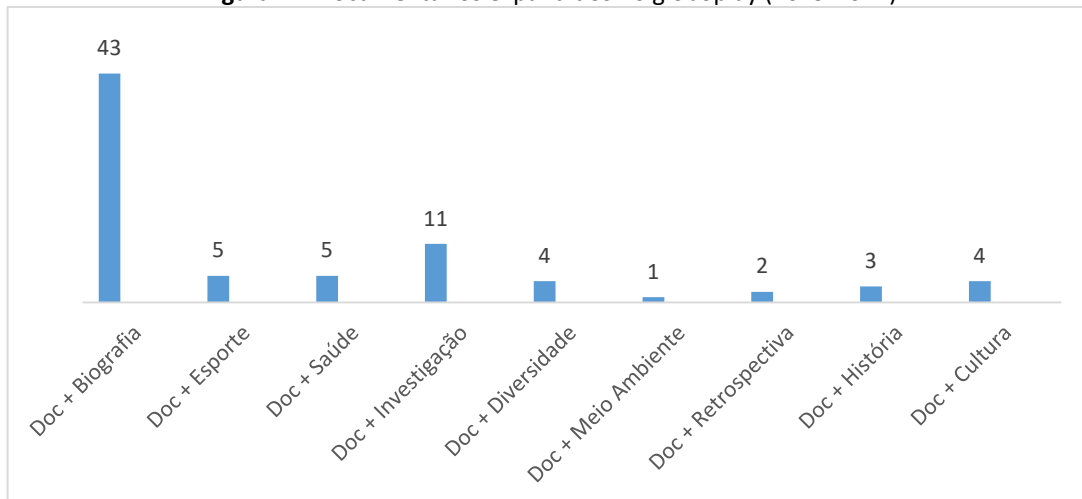
[...] estruturado com o formato de documentário, realizado por diretores que vinham de uma tradição cinematográfica como Paulo Gil Soares e Eduardo Coutinho. A partir dos anos 1980, o programa passou a ser incorporado pela Central Globo de Jornalismo (CGJ), priorizando o formato de grande reportagem com a presença de repórteres, offs e sonoras condutoras de um discurso informativo (Spinelli, 2012, p. 3).

O exemplo do Globo Repórter nos possibilita visualizar que a hibridização entre diferentes produções audiovisuais já possui um histórico na televisão brasileira. Assim, o que observamos atualmente a partir dos documentários expandidos não é, necessariamente, algo inédito na história da televisão e do telejornalismo. Mas, o que podemos compreender como uma (re)apropriação dessas diferentes linguagens e formatos em conjunto com o território da ficção, das séries de televisão e do modelo de produção, distribuição e modos de assistir mediante ao cenário dos serviços de streaming.

5 MAPEAMENTO E ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TELEJORNALÍSTICAS NO GLOBOPLAY

Como explicitado, neste primeiro momento da pesquisa nosso enfoque é o mapeamento do que está sendo produzido no âmbito do telejornalismo no globoplay, a partir dos documentários expandidos. Para tanto, organizamos e registramos os dados destes documentários com a ajuda da planilha do Microsoft Excel, com recorte temporal entre os anos de 2019 a 2024. Assim, nosso objetivo foi identificar a quantidade de produções, as temporadas, os episódios e os gêneros. Assim, na Figura 1 apresentamos os dados referentes ao tabulamento das categorias e das quantidades de documentários expandidos que foram produzidos pelo globoplay.

Figura 1 – Documentários expandidos no globoplay (2019-2024)



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

É interessante observar a grande quantidade de documentários na categoria correspondente as histórias de vida de personalidades (Biografia), com um total de 43 produções. A título de exemplificações, o streaming globoplay registrou e produziu documentários biográficos de figuras, tais como: Arnaldo Jabour (2020), Gilberto Braga (2021), Hebe (2022), Xuxa (2023) e Ayrton Senna (2024). A segunda categoria com mais produções foi a voltada para investigações, a exemplo de: Marielle (2020), Evandro (2021), Celso Daniel (2022), Boate Kiss (2023) e a tragédia do voo Rio-Paris (2024).

Mediante as dados coletados e analisados, bem como dos exemplos citados, podemos identificar que o telejornalismo praticado no globoplay perpassa pela produções de grandes figuras que marcaram a história da televisão brasileira (alguns vivos e outros em memória), bem como de casos de assassinatos e tragédias que foram cobertas pelos telejornalismo diário (com grandes repercussões na mídia e na sociedade). Contudo, com a produção do documentário expandido houve maior detalhamento dos casos, diferentemente do que ocorre no cotidiano telejornalístico – tendo em vista a demanda por matérias e coberturas diversificadas, que se espera de uma telejornal, por exemplo.

Nas demais categorias, as produções apresentam uma produção menos efervescente como nos casos das categorias de Esporte (5), Saúde (5), Cultura (4), Diversidade (4), História (3), Retrospectiva (2) e Meio Ambiente (1). Nesse sentido, dois pontos nos chamam a

atenção: a) o fato pelo grande interesse em registrar e publicizar a história e trajetórias de determinadas personalidades e b) o pouco interesse em produções documentais que versam sobre os problemas climáticas, que estão cada vez mais no centro de discussões importantes na sociedade contemporânea.

Mesmo direcionando nossa análise para o globoplay, vale registrar que o interesse por documentar a história de vida ou de investigações também vem acontecendo em outros serviços de streaming. A Netflix, por exemplo, possui uma série de documentários expandidos que versam sobre crimes de grande repercussão nacionais: *Eliza Matsunaga: era um vez um crime* (2021), *Isabela: o caso Nardoni* (2023) e *a Vítima insível: o caso Eliza Samudio* (2024).

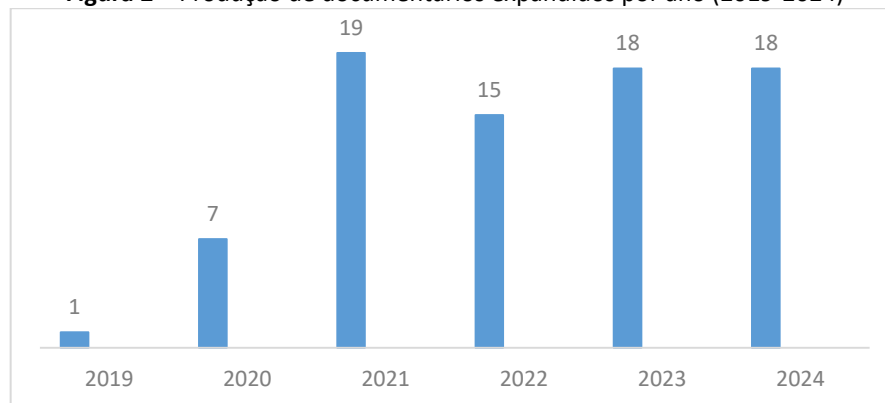
No HBO Max, o gênero também foi abordado em produções como *Pacto Brutal: o assassinato de Daniella Perez* (2022) e *Flordelis: em nome da mãe* (2022). Por fim, no mais recente streaming brasileiro, o +SBT, também produziu e disponibilizou, gratuitamente, documentários expandidos de personalidades brasileiras (especialmente que tiveram uma relação com a emissora): *Silvio Santos: vale mais do que dinheiro* (2024), *Hebe: cara e coragem* (2024) e *Gugu, Toninho e Augusto* (2024). Desse modo, a construção de uma prática telejornalística que identificamos no streaming perpassa tanto pelo tradicional processo de construção noticioso (o factual), bem como utiliza inspirações de programas mais específicos como o jornalismo investigativo, o jornalismo literário, a serialização ficcional e, claramente, o documentário tradicional.

O objetivo final, aos que nos parece, é elaborar um produto que mescle informação e entretenimento, realidade e ficção. Ao se referir sobre a relação entre jornalismo e entretenimento, Dejavitte (2006, p. 86) explica que “Os elementos de entretenimento no jornalismo podem ser definidos como: o sensacionalismo, a personalização a dramatização de conflito e, geralmente, matérias com uso de fotos, infográficos, tabelas, entre outros recursos”, que dialoga com algumas das características dos documentários expandidos apresentadas por Moratelli (2021).

Além de organizarmos os documentários expandidos do globoplay por gênero, também analisamos sob a perspectiva da produção quantitativa anual dentro do recorte temporal entre 2019 e 2024. Apontamos que houve uma crescente por esta modalidade de produção na plataforma, especialmente a partir do ano de 2021 – ou seja, quando há um

período de retomada das produções audiovisual inéditas após um ano (2020) mais crítico devido a pandemia de Covid-19. Ainda que há uma curva com menores números de produções, entendemos que a aposta neste modelo de telejornalismo para o globoplay continuou entre 2022 e 2024 enervesciente.

Figura 2 – Produção de documentários expandidos por ano (2019-2024)



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

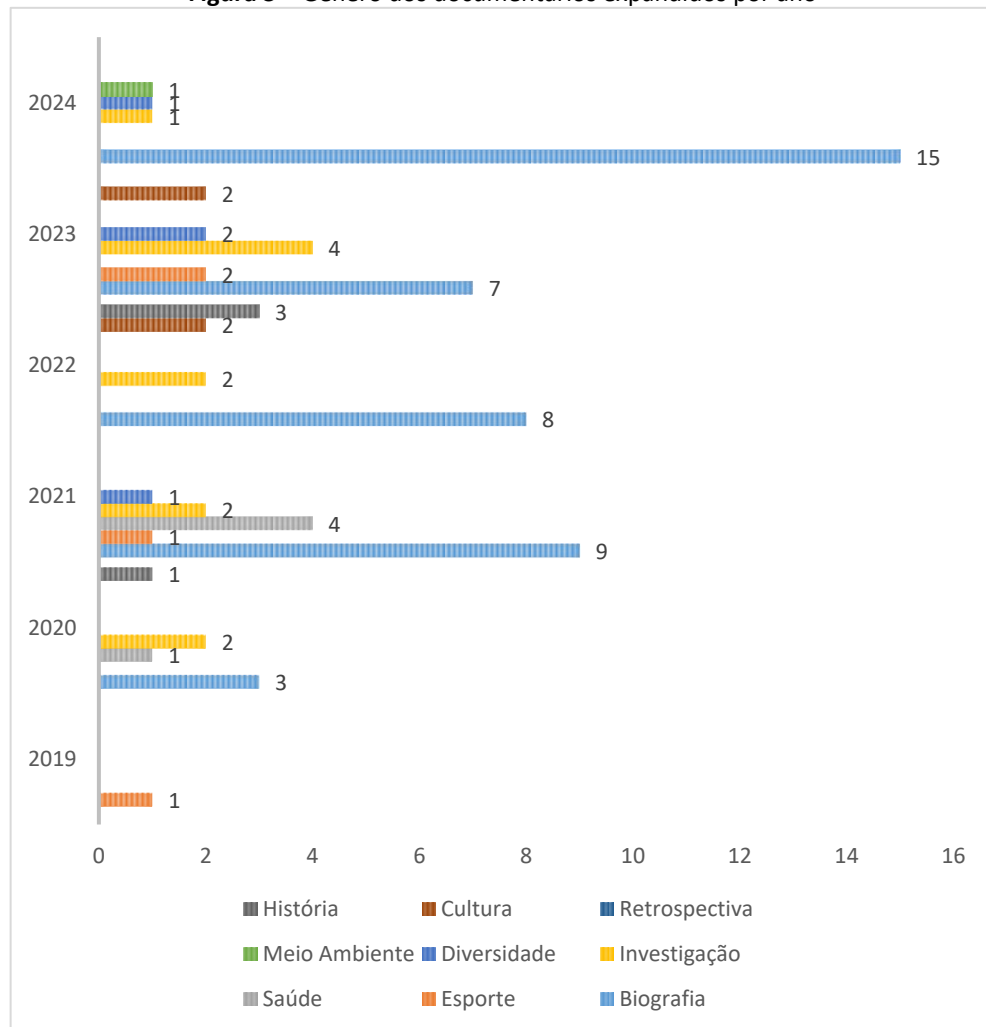
Na visualização dos dados tabelados por gênero e ano (Figura 3), identificamos que a biografia, como já apontado, é o principal gênero para o telejornalismo no globoplay. As histórias e trajetórias de vida, mediante aos dados coletados e analisados, apontam para um maior interesse que resulta neste tipo de produção.

A partir da identificação dos títulos, entendemos que houve, por parte do globoplay, e do Grupo Globo, uma busca em homenagear profissionais que passaram, principalmente, pela TV Globo – o canal de televisão aberta do grupo. É o caso dos produtos da série “Tributo” que apresenta a trajetória de vida e profissional de: Léa Garcia (2023), Boni (2024), Manoel Carlos (2024), Lima Duarte (2024), Laura Cardoso (2024), Ary Fontoura (2024), Fernanda Montenegro (2024) e Zezé Motta (2024). Refletimos que esta proposta de produção telejornalística tem como objetivo o registro e a documentação de importantes personalidades (diretores, autores, atores e atrizes) que corroboraram para a construção da história da televisão brasileira, e especialmente da Rede Globo.

Essa produção telejornalística para o streaming, a exemplo do globoplay, nos direciona a refletir sobre a relação entre os antigos e os atuais modo de fazer televisão e telejornalismo. Como apontado por Cabral Filho, Cabral e Freire (2023, p. 6), “É importante compreender esse novo fluxo de comunicação em que a TV Aberta se expande ao criar o seu próprio serviço de streaming e converge suas produções”. Uma vez que: “[...] foi o surgimento das

plataformas de streaming que ocasionou uma transformação radical nas maneiras de produzir e consumir TV, e investimentos vem sendo feitos pelos grandes conglomerados como estratégia necessária diante do novo cenário” (Freire, 2022, p. 36).

Figura 3 – Gênero dos documentários expandidos por ano



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Essas transformações e reconfigurações impactam os processos de produção, distribuição e, principalmente, de consumo. Pois, não se trata de um produto telejornalístico ordinário (que se repete regularmente, ou se faz presente a todo instante), mas de um produto elaborado para um público específico. Ou seja, um telejornalismo sob demanda, nichado para usuários que possuem uma estreita ligação com o universo das séries, do ficcional e que utilizam os serviços de streaming a partir da nova lógica do assistir (quando, como e onde quiser). Acarretando em um processo de individualização desse conteúdo e produto telejornalístico no streaming.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste estudo foi possível identificar e refletir acerca do processo de produção do telejornalismo no globoplay, a partir dos documentários expandidos. Este é compreendido como o principal produto jornalístico audiovisual no contexto da hibridização de linguagens e formatos, objetivando a sua distribuição do serviço de streaming. A partir da coleta de dados averiguamos que esse telejornalismo para o streaming foi iniciado em 2019 e a partir de 2021 ganhou maiores proporções de produção.

No caso do globoplay, o documentário expandido é uma produção jornalística audiovisual que parte do clássico modelo do jornalismo para televisão aberta (broadcast) e se junta com as características advindas do universo ficcional – bem como a lógica de distribuição do streaming. Tal estratégia é utilizada visando um novo modelo de produção jornalística, bem como atrair um novo público ávido pelo ritmo das séries ficcionais. Assim, as características das séries são utilizadas no processo de produção dos documentários expandidos como: números de episódios, plot twist, aproximação com uma construção realística, repetição da narrativa, personagens secundários entre outras.

O investimento do globoplay nesse modelo de produção indica um certo direcionamento para o tipo de jornalismo que o Grupo Globo pretende desenvolver no serviço de streaming nacional. O que, de certo modo, também pode ser visto em outros serviços de streaming atuantes no Brasil, tais como: Netflix, HBO Max e SBT+. Ainda que não estejam no escopo deste estudo, essas plataformas de vídeo também estão investindo em produções documentais nacionais. O que, por sua vez, indica que há uma expansão do telejornalismo para o streaming que diálogo com o catálogo de séries ficcionais – mediante a ficcionalização de casos reais que foram reportados em telejornais e programas jornalísticos.

REFERÊNCIAS

CABRAL FILHO, Adilson Vaz; CABRAL, Eula Dantas Taveira; FREIRE, Cintia Augustinha dos Santos. Televisão: uma nova forma, a mesma fórmula. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 10., 2023, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2023. p. 1-20.

COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárilda. Lugares, espaços, telas e reconhecimento: o local do telejornalismo na contemporaneidade. In: COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárilda (orgs.). **Telejornalismo local: teorias e conceitos**. Florianópolis: Insular, 2019. p. 23-40.

DEJAVITE, Fabia Angélica. **Infotainment**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; CAVENAGHI, Beatriz. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 13., 2015, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: SBPJor, 2015. p. 1-15.

EMERIM, Cárlica. Telejornalismo e Semiótica Discursiva. In: VIZEU, Alfredo et al. (Orgs.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

EMERIM, Cárlica. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.14, n.2, p. 113-126, jul./dez 2017.

FREIRE, Cintia Augustinha dos Santos. Streaming: uma nova forma de consumir televisão. In: CABRAL, Eula Dantas Taveira. **Nos trilhos da cultura e da comunicação**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2022. p. 30-52.

ISERN, Laura Hernandez. **Jornalismo do broadcast ao streaming**: caso globoplay. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Prebisteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

MORATELLI, Valmir. Elementos da narrativa ficcional no documentário seriado: estudo do arco dramático e das escolhas de edição no produto audiovisual. In: AQUI JAZ O ÚLTIMO ATO - 3º CINE-FÓRUM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL, 3., 2021, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Cine-Fórum, Uems, 2021. p. 712-723.

SILVA, Edna de Mello. Fases do telejornalismo: uma proposta epistemológica. In: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 19-36.

SILVA, Fernanda Torquato Braga. O personagem como peça de xadrez no jogo do documentário expandido. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 20., 2015, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2015. p. 1-15.

SPINELLI, Egle Müller. Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na televisão e internet. **Alterjor**, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 1-15, dez. 2015.

SOUZA FILHO, Washington José de. Na tela do streaming, a representação do jornalismo em duas produções audiovisuais: rota 66, a política que mata; e escola base, um repórter em busca do passado. In: MELLO, Edna; ANDRADE, Ana Paula Goulart de; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárlica. **As inteligências do telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2024. p. 247-266.

SOUZA, José Jullian Gomes de. Broadcast, WebTV e produções audiovisuais: as experiências televisivas em juazeiro do norte-ce. **Nava**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 114-132, dez. 2024.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Documentário expandido: reinvenções do documentário na contemporaneidade. In: AUTORES, Vários. **Sobre fazer documentários**. São Paulo : Itaú Cultural, 2007. p. 38-43.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pêsoa. Fronteiras híbridas: o jornalismo e suas múltiplas delimitações. In: TEMER, Ana Carolina Rocha Pêsoa; SANTOS, Marli dos. (orgs.). **Fronteiras híbridas do jornalismo**. Curitiba: Appris. 2015. p. 21-34.

From open television to streaming: the television journalism on globoplay

ABSTRACT

This study investigates the expansion of television journalism, based on expanded documentaries produced for the Brazilian streaming service Globoplay. The objective is to understand how this journalistic audiovisual production is constructed, relating the fictional universe of the series and the search for a new way of producing journalism on/for streaming platforms. The methodological framework is composed of qualitative, exploratory-descriptive research aimed at understanding what these expanded documentaries are, their characteristics and formats. We conclude that the expanded documentary is an audiovisual journalistic production that starts from the classic model of journalism for broadcast television (telejournalism) with the characteristics arising from the fictional universe. This strategy is used aiming at a new model of journalistic production specifically for streaming, as well as attracting a new audience eager for the rhythm of fictional series.

Keywords: Television journalism. Audiovisual journalism. Expanded documentary. Globoplay.

De la televisión abierta al streaming: el periodismo televisivo en globoplay

RESUMEN

Este estudio investiga la expansión del periodismo televisivo al servicio de streaming, a partir de documentales producidos para el servicio brasileño de streaming Globoplay. El objetivo es comprender cómo se construye esta producción periodística audiovisual, relacionando el universo ficticio de la serie con la búsqueda de una nueva forma de producir periodismo en/para plataformas de streaming. El marco metodológico se compone de una investigación cualitativa, exploratorio-descriptiva, destinada a comprender qué son estos documentales expandidos, sus características y formatos. Concluimos que el documental expandido es una producción periodística audiovisual que parte del modelo clásico de periodismo para televisión abierta (teleperiodismo) con las características derivadas del universo ficticio. Esta estrategia se utiliza con el objetivo de crear un nuevo modelo de producción periodística específicamente para streaming, así como de atraer a una nueva audiencia ávida del ritmo de las series de ficción.

Palabras clave: Periodismo televisivo. Periodismo audiovisual. Documental expandido. Globoplay.

Recebido em: dia/mês/ano

Aceite em: dia/mês/ano